

FOGO E METAL – LIVRO I



Magia Occulta

METAL SLINGER

RACHEL
SCHNEIDER



Para minha mãe, que sonhou por mim.





Capítulo 1

– Se existe um jeito... – digo, confirmando o plano.

Kai baixa a cabeça, assentindo.

– Sim, mas ninguém vai sozinho. – Ele amarra os cabelos louros em um nó alto e olha para Messer. – Combinado?

Fitando o reflexo no espelho minúsculo que pende acima do lavatório, Messer sorri para Kai enquanto coça o queixo recém-barbeado.

– Tem medo da gente se divertir sem você?

– Você pode não levar tudo na brincadeira por pelo menos dez minutos? – repreende Kai.

O navio mercante aderna para um lado e buscamos apoio na coluna mais próxima.

Quando o navio começa a se endireitar, cambaleio e minha mão se choca contra uma das latrinas. Solto um gemido enojado e me empertigo depressa assim que nos reequilibramos. Afasto Messer do caminho para enfiar as mãos em seu balde de água com sabão. Quanto mais nos aproximamos da terra firme, maiores ficam as ondas. É por isso que a maioria dos nossos colegas de turma está reunida no convés, ansiosa para ver o litoral pela primeira vez na vida.

Messer tranquiliza seu melhor amigo colocando uma das mãos em seu ombro e dizendo:

– Vamos todos ou ninguém vai.

O raro vislumbre de autocontrole nos olhos de Messer consegue aliviar a preocupação estampada no semblante de Kai, que me passa uma toalha para eu enxugar as mãos. Ainda sinto que não estão limpas, mas afasto o pensamento. Não há nada que possa ser feito agora.





– Lembrem-se: nossa prioridade é observar – diz Kai. – Avaliar a situação. Só vamos tentar chegar à terra se tivermos certeza de que há um jeito seguro, sem sermos apanhados.

– Isso não é problema para mim – declara Messer, com a mão no peito. – Já vocês dois têm um péssimo histórico.

Reviro os olhos para ele pelo espelho.

– Um dia a sua sorte vai acabar.

Tento domar os fios de cabelo que escaparam da minha trança, mas é inútil. Meu cabelo nunca foi obediente, nem um só dia na vida. Nem mesmo quando nasci, saindo com um tom acobreado, diferente do louro comum do nosso povo.

As vozes que vêm lá de cima começam a ficar mais altas, um som animado que se mistura ao estrondo dos passos atravessando o convés.

Kai me pega pelos ombros e me gira em sua direção.

– Nossa primeira meta é avaliar a situação – lembra ele, depois me solta. – Então não faça nada precipitado. Vamos ter outras chances.

Não sei se ele está tentando convencer a mim ou a si mesmo. O Mercado só acontece uma vez por ano, desde que nosso povo foi banido da terra mais de um século atrás. Há dois grupos de alaha que recebem o privilégio de comparecer: os guardas que possibilitam o comércio e a circulação de mercadorias e a turma de guardas na fase final de formação. São 56 alunos no total e, para a maioria de nós, pode levar décadas até vermos terra firme de novo, se é que algum dia isso voltará a acontecer. Apenas um punhado de guardas alaha é escolhido anualmente pelo capitão para retornar ao Mercado.

Hoje pode muito bem ser nossa única esperança.

– É melhor subirmos antes que alguém sinta nossa falta. – Messer exhibe seu típico sorriso. – Ah, talvez eu tenha dito a Aurora que ela poderia nos acompanhar.

Kai e eu nos entreolhamos, irritados. Damos voz ao nosso descontentamento, mas Messer já está lá na frente, atravessando o alojamento interno e subindo as escadas para o convés superior antes que possamos alcançá-lo. Todo e qualquer argumento desaparece de nossos lábios devido à visão adiante.

Terra firme.

Nada poderia ter me preparado para as diferenças gritantes entre essa costa





rochosa e nosso lar entre as árvores de Alaha. Comparadas a isso, todas as ilustrações e pinturas que já vi perdem a graça.

Como se todos estivessem em um transe coletivo, as vozes empolgadas silenciam à medida que o navio se aproxima.

Nunca me senti mais insignificante ou pequena do que quando estico o pescoço e vejo a magnitude da face rochosa vertical. É quando a identifico: a fenda no penhasco de pedra, como se um gigante tivesse usado um machado para rachar a terra bem no meio.

– Insano – murmura Messer.

O Mercado está posicionado na fenda, em um enorme cais. De uma face do penhasco à outra, adentrando a ilha até onde a vista alcança, o cais se estende por aquele espaço como um local de encontro neutro entre nós – os alaha – e o povo de Kenta.

Nossa pequena frota leva mais algumas horas para atravessar a barreira de quebra-mares antes de conseguir atracar. Guardas preparam as passarelas de desembarque para que os homens descarreguem os peixes que pescamos na viagem até aqui. Um dos comandantes grita ordens enquanto redes são retiradas da água e colocadas nas carroças, que aguardam até que o povo de Kenta troque os peixes por quaisquer mercadorias que o capitão consiga negociar com o rei – geralmente trigo e outros produtos agrícolas.

Passei a vida inteira esperando por esse dia, meio convencida de que os habitantes da terra eram um mito. Como o movimentado píer pode provar, definitivamente não são.

Vestidos com cores exuberantes e estranhos cortes de tecidos, os kenta devem ser os seres mais belos que já vi. A julgar pelos murmúrios dos meus colegas de turma, reunidos no convés do navio enquanto aguardamos nossa vez de desembarcar, estão todos tão impressionados quanto eu.

– Não se deixem enganar pelas roupas bonitas e pelas joias – diz Gramble, nosso instrutor, com as mãos cruzadas nas costas, andando de um lado para outro no convés. – Eles são tão cruéis quanto lulas-gigantes.

Tive vontade de revirar os olhos. Nada é mais temido do que as lulas-gigantes, que, segundo dizem, são encontradas nas partes mais remotas dos oceanos. Elas não têm lar nem origem conhecida. O único sinal de sua existência são os barcos abandonados que deixam para trás, flutuando sem rumo, sem uma única alma a bordo. Dizem que os corpos dos tripulantes são puxados para a





água e nunca mais vistos. Isso quando sobra um barco. Ouvi boatos sussurrados durante a adolescência de que foi uma lula-gigante que tirou meus pais de mim, mas acho que não passa de uma história assustadora para manter as crianças alaha na linha. A ideia de um tentáculo preto serpenteando pela janela do quarto pode fazer milagre com crianças indisciplinadas. Mas, ao contrário de lulas-gigantes, supostamente capazes de puxar um navio inteiro para o fundo do mar, o povo kenta parece...

Comum. Não sei o que eu esperava, mas eles não se assemelham em nada com os kenta calejados pelas batalhas que estudávamos em nossas aulas de história. Um povo que, em acordo com os outros três territórios, após uma guerra brutal, banuiu os alaha para o outro lado do oceano, com pouco mais do que as roupas do corpo e uns navios. No entanto, a multidão de soldados kenta enfileirados ao longo do cais e espalhados por todo o Mercado parece muito bem disposta a não nos permitir pisar em terra firme. O trecho do cais flutuante é o mais perto que nos deixarão chegar do solo.

Estreitando os olhos para protegê-los do sol, avisto Kai no calçadão. Ele desembarcou na frente para conversar com os guardas de sua patente. Seu cabelo dourado está mais escuro nas têmporas, úmido de suor. Seus olhos percorrem os kenta e os barcos próximos, depois se voltam para mim por um breve instante. Ele está... deslumbrante.

Kai poderia ter vindo no ano passado, ao completar 18 anos, então em sua turma de guardas alaha, mas esperou até que Messer e eu o acompanhássemos, contando com a remota possibilidade de pisarmos em terra firme.

Gramble continua preparando nossa turma.

– Quando chegarmos ao cais, fiquem com seu grupo. Nunca mais de quatro, nunca menos de dois. Sejam amigáveis, mas não em excesso. Estamos aqui para negociar pacificamente com eles, não para fazer inimigos. Entenderam?

Assentimos.

Gramble deposita quatro moedas de cobre na mão de cada um.

– Não gastem tudo em um lugar só.

Há um sorriso raro e irônico em seu rosto enquanto ele se afasta para nos dispensar.

– Por Alaha – saúda ele, levando o punho ao peito.

De cumprimentos e despedidas a condolências e felicitações. Somos um só.





Repetimos o lema em uníssono – *Por Alaha* – e desfazemos a formação, seguindo Gramble pela passarela até o cais. Meu coração bate forte no peito. Olho para Kai e meus colegas, treinados para permanecerem calmos e indecifráveis. A expressão deles não revela nada, em contraste com a mistura de pânico e empolgação em minhas veias.

As tábuas de madeira do píer me dão a sensação de solidez sob os pés depois de semanas viajando em mar aberto para chegar aqui. Meu estômago vazio se contrai com o aroma de pratos e temperos vindo do Mercado.

Kai se junta a mim, Messer e Aurora no cais. Ele deve perceber como estou confusa, porque aperta meu punho brevemente para me tranquilizar. Tiro um momento para me habituar à agitação em volta, focando em seus familiares olhos cinzentos, espelho dos meus – a única característica que compartilho com nosso povo. Eles são seguros e reconfortantes, os olhos do meu amigo.

– Não sei vocês – começa ele, abrindo seu famoso sorriso e aliviando a tensão –, mas vou procurar a barraca mais próxima que não venda peixe e comer até explodir.

Sua animação contagia o grupo e suscita alguns murmúrios de concordância. Kai é líder nato e futuro capitão do povo alaha; todos o veem como um exemplo.

Ele é a única razão para eu estar aqui. Pouquíssimas mulheres são escolhidas como guardas e, considerando minha ascendência – ou melhor, a falta dela –, eu nunca teria a chance de competir, muito menos de ser aceita.

Messer dá um tapa no ombro de Kai, um sorriso largo de orelha a orelha.

– O que estamos esperando?

Então nos viramos na direção do calçadão e observamos os vendedores alinhados de ambos os lados do cais. Cada barraca exhibe uma faixa representando as famílias que vieram para este dia de comércio. Minha curiosidade salta de barraca em barraca, observando a comida, as roupas, as joias, entre outros produtos ali expostos.

Soldados kenta patrulham, suas facas e espadas embainhadas, os corpos cobertos por armaduras. Alguns usam um capacete de metal que esconde o rosto, exceto por uma estreita fenda para os olhos. Esses soldados, sim, parecem sobrenaturais, como se qualquer coisa ou pessoa pudesse estar ali dentro.





Um deles passa com os olhos fixos em Kai, analisando-o de cima a baixo. Kai mantém uma postura relaxada, mas posso ver a inquietação por trás de sua aparente calma, sob o olhar perscrutador do soldado kenta, e me pergunto se ele sabe que está encarando o filho do capitão, despido de qualquer adorno ou joia.

A voz de Aurora está impregnada de desdém:

– Parece um pouco demais, considerando que nem podemos andar com objetos afiados.

Erguendo a sobrancelha, ela fuzila um soldado próximo com o olhar.

Diante de uma expressão inabalável como a dela, não culpo o guarda por quebrar o contato visual primeiro.

– Aurora – adverte Kai. – Sou o primeiro descendente de Wren a vir ao Mercado. É sábio da parte deles estarem preparados.

Ela revira os olhos.

– Nós é que estamos em território inimigo.

– Temos apenas meio dia até sermos levados de volta para aquele navio que mais parece uma prisão. Com certeza não vou desperdiçar esse tempo babando por esses guardas – provoca Messer, beliscando Aurora nas costelas.

– Além disso, sabemos que você não precisa de nada cortante para assustar os outros.

Ela tenta dar um tapa no ombro dele, mas Messer consegue se esquivar, rindo. Tocando a pontinha dos dedos nas minhas costas, ele me faz avançar, me conduzindo para além da linha de soldados e inclinando a cabeça para eles em um aceno respeitoso.

Esse aceno não é retribuído. Os kenta podem ser pessoas como nós, mas sem dúvida são muito rudes.

– Melhore essa cara, Brynn.

Então me obrigo a relaxar, abrindo um sorriso tímido.

– Seria menos ofensivo se eles cuspissem na nossa cara – observo.

– Estamos aqui em missão de paz – lembra Kai, mas as armas e os olhares frios dizem o contrário.

Somos obrigados a ceder às exigências deles – um grupo de pessoas do mesmo povo que nos expulsou – e ainda esperam nossa gratidão por sua generosidade, por permitir o comércio entre nossos povos, como se não estivéssemos constantemente à beira da fome por causa deles, para começo de





conversa. Mas desconfio que isso seja muito mais do que qualquer um dos outros territórios já ofereceu. Maile nos deu as costas, Strou acata as ordens de Kenta em relação a tudo e, embora Roison alegue ser nosso aliado, não move uma palha para nos ajudar.

Messer nos leva até uma barraca próxima contendo uma variedade de doces: tarteletes de frutas, tortas e pães trançados com coberturas açucaradas. Muito tempo e atenção foram dedicados a cada item, e minha boca saliva diante daquela visão.

Messer larga as quatro moedas de cobre ruidosamente no balcão de madeira, chamando a atenção da vendedora.

– O que quer que isso dê para comprar, eu aceito.

Qualquer temor que eu tenha pelo comportamento exagerado de Messer desaparece assim que a jovem amolece com seu sorriso contagiante. Ela passa o cabelo escuro por trás da orelha e pergunta se ele gosta de ameixa seca, com um sotaque carregado nas vogais.

Sem se preocupar com o treinamento de sensibilidade cultural que recebemos, Messer transforma o sorriso em um flerte.

– Eu como qualquer coisa se estiver coberta com bastante açúcar, querida.

Um rubor quase inequívoco tingiu as bochechas sardentas da garota. Aros de prata e ouro adornam suas orelhas, testa e quase todos os dedos. Ela abre uma folha de papel-manteiga e põe um item de cada em uma bolsa, que Messer destrói ao desembrulhar e enfiar o primeiro doce na boca... inteiro.

Gemendo enquanto o açúcar escorre pelo seu queixo ao mastigar, ele baixa a cabeça em agradecimento, as mãos unidas à frente do corpo ao mesmo tempo que fala com a boca cheia.

– Você é uma deusa.

Com a cor se intensificando ainda mais em suas bochechas pálidas, ela retribui a breve reverência. Parece que todas as mulheres se apaixonam por Messer, sejam elas kenta ou alaha.

A garota olha para mim, sua próxima cliente, e eu avalio minhas escolhas. Estou tentada a fazer como Messer e gastar até a última moeda nos bolos. O de lavanda parece delicioso, mas também há um de chocolate que parece divino.

A respiração de Kai me causa arrepios no pescoço quando ele fala em meu ouvido:

– Talvez eu tenha algumas moedas extras comigo.





Finjo não me abalar com sua proximidade, mantendo o olhar fixo nas mercadorias adiante.

– Não esperaria nada menos do filho mimado do capitão.

Se há uma coisa que não se pode negar sobre o pai de Kai é que ele é indulgente com seu único herdeiro.

Kai dá uma risadinha.

– Posso ser mimado, mas também sou muito generoso – retruca ele, a voz se tornando mais profunda. *Conspiratória.* – Pegue o que quiser.

Nesse caso, escolho quatro pedaços do bolo de chocolate, um para cada um de nós, e os erguemos no ar em um brinde.

– Por Alaha! – declara Messer.

– Por estarmos fora daquele maldito navio – emendo.

Aurora faz uma careta.

– Falou tudo.

Todos nós tiramos um bom pedaço do doce e gememos em uníssono. Dou uma mordida grande demais, e metade do chocolate macio cai no chão.

– Malditos coelhos! – resmungo.

Messer torce o nariz para mim.

– Você parece tão estranha quando diz isso...

Aurora se apressa a enfiar seu bolo na boca quando ele começa a se desfazer.

– Não faz o menor sentido.

Limpo o açúcar das mãos e dou de ombros.

– É por isso que gosto.

Encontramos um vendedor servindo chá de amora e o saboreamos com nossos doces enquanto percorremos e observamos o Mercado. Os kenta comuns não parecem tão cautelosos conosco quanto seus compatriotas soldados. Na verdade, eles nos tratam como se fôssemos invisíveis, a menos que sejam confrontados com nossa companhia; aí, então, passam a nos tolerar.

Fico encantada com as saias e os vestidos de algumas mulheres. De vários comprimentos e cores, eles balançam em torno das pernas enquanto elas trabalham e se movem entre as barracas, algumas enfeitadas com contas e joias.

Nunca me preocupo muito com o que visto, mas reconheço que minha calça e blusa estão deixando a desejar. Até mesmo a trança do meu cabelo com reflexos dourados, que cai pelo meio das costas, perde a graça perto dos penteados elaborados e dos cabelos estilizados das mulheres kenta.





Kai segue meu olhar e me cutuca com o ombro.

– Você é um membro da guarda alaha. Vestir-se com elegância não é adequado para lutar.

– A menos que queira parecer ridícula – acrescenta Messer, dando sua opinião.

Sempre o intrometido.

Tenho a impressão de que, se eu lutasse de vestido, pareceria menos ridícula do que os soldados com baldes gigantes de metal na cabeça, sobretudo nesse calor escaldante.

Continuamos caminhando pelo calçadão, a cabeça virando para os lados, procurando uma rota de fuga para a terra. Tendo como pano de fundo os penhascos escarpados, os soldados posicionados ao longo de todo o perímetro são uma demonstração frívola de força. A pedra é lisa e livre de qualquer imperfeição. Não há um único ponto de apoio ou fenda que alguém possa usar para escalar as paredes.

– Eles têm que transportar tudo até aqui de alguma forma.

Kai não responde à observação de Messer. Não precisa. Estamos todos chegando à mesma conclusão desoladora: pode não haver um jeito.

Nunca.

Continuamos avançando pelo Mercado até vermos uma multidão ao redor de uma pista de dança improvisada no centro do cais. Abrimos caminho até a frente do círculo. Uma banda toca em um pequeno palco, com violinos, gaitas e tambores. As saias dos vestidos das mulheres flutuam em torno delas enquanto dançam.

É impressionante. Os dançarinos entram e saem da formação, encontrando o próximo parceiro com as mãos antes mesmo de pôr os olhos nele. Risos e sorrisos iluminam seus rostos, a felicidade irradiando deles à medida que a música acelera. O ritmo se torna cada vez mais rápido, até passar a ser um verdadeiro desafio para os dançarinos o acompanharem, e só então eu vejo erros. Um passo perdido, mãos que não encontram o parceiro, pés que tropeçam.

Então a música para abruptamente. A multidão irrompe em aplausos e nós nos juntamos a ela, batendo palmas enquanto os dançarinos compartilham sorrisos, curvando-se uns para os outros antes de se afastarem. Uma das mulheres passa perto de mim e eu estendo a mão para correr os dedos





pelo tecido de sua saia. É um toque muito breve, mas a sensação é de água correndo por entre os dedos.

O violinista solitário começa uma melodia mais suave, e alguns dos casais restantes permanecem na pista de dança, balançando-se no ritmo da música.

Kai pega minha mão.

– Dance comigo.

Ergo as sobrancelhas, surpresa.

– Aqui?

Seria uma violação flagrante do Regulamento dos Limites, uma lista de regras que cada cidadão de Alaha concorda em cumprir assim que atinge a maioria. Não deve haver contato íntimo de qualquer tipo até a Cerimônia de Pareamento.

A cerimônia foi assim chamada em referência ao lendário Vínculo do Pareamento – um pacto com que cada pessoa de Alaha se compromete ao concluir o ensino primário, aos 12 anos. A Cerimônia de Pareamento é realizada no mesmo ano em que o jovem completa 18 anos.

Na maioria das vezes, a cerimônia é um casamento estratégico, uma negociação entre famílias, e não uma união por amor. A prática foi originalmente implementada para controlar a reprodução entre linhagens muito próximas, mas agora seu objetivo é conter a tendência à subpopulação. As pessoas têm uma probabilidade mais alta de ter filhos em ambientes isolados quando são forçadas a se casar jovens.

Kai me lança um olhar.

– Quem vai nos denunciar? Meus soldados?

Olho ao redor e vejo muitos dos nossos misturados à multidão, observando a banda. Voltando-me para Messer, entrego minha bebida a ele. Como de costume, deixo Kai liderar e o sigo até a pista de dança. Os outros casais sorriem educadamente para nós enquanto nos acomodamos entre eles no deque desgastado pelos passos que o percorreram ao longo de anos.

– Ei – diz Kai, erguendo meu queixo com um dedo. – Só você e eu.

Seu olhar é firme enquanto ele me conduz a um ritmo constante. Nossos movimentos são menos vistosos sem os tecidos esvoaçantes, mas fecho os olhos e forço meu corpo a se mover junto com o de Kai, tentando fazer minha mente desacelerar. Concentro-me na mão dele no meu quadril e no cheiro de casa que ainda permanece em sua pele e... Céus, aquelas paredes são muito altas.





- Brynn, olhe para mim – exige Kai.
- Obedeço, abrindo os olhos de repente.
- Eu sempre vou te proteger.

Ele acha que tenho medo de ser repreendida – como deveria ter, considerando as duras consequências de quebrar um dos pactos dos alaha –, mas não tenho medo do trabalho braçal nem da prisão.

– Não seria a primeira vez que iríamos para a prisão – digo, com ar de indiferença. – Nem a segunda.

Devo fingir muito mal, porque Kai não esboça um sorriso diante da menção à última vez em que fomos condenados a uma noite nas celas. Havíamos roubado roupas íntimas dos varais e as prendido a um poste sob a bandeira de Alaha no centro da Ponte Principal. A brincadeira não valeu nem um pouco o castigo.

Só que eu não estava esperando as palavras que saem de sua boca em seguida:

– Pedi permissão aos meus pais para escolher você na Cerimônia de Pareamento.

Meu coração para.

– Por que você faria isso? – pergunto, a voz trêmula.
– Qual é, Bryn? – diz ele, os olhos fixos nos meus. – Você já devia esperar por isso.

Balanço a cabeça.

Nunca me permiti cogitar a ideia de me casar, muito menos de encontrar um par que fosse um amor verdadeiro. Eu me disciplinei a afastar esses pensamentos, a trancá-los em algum lugar tão profundo dentro de mim que nem eu mesma saberia onde encontrá-los.

Kai pode escolher entre as várias garotas cujas famílias competem por um matrimônio. Eu não tenho família. Nenhum dote. Nenhum incentivo para um casamento. Estou no fim da lista.

Por que ele me escolheria?

- O futuro líder de Alaha não escolhe uma *pobre coitada* como esposa. Ele range os dentes, mas não quebra o ritmo.
- Você sabe como odeio quando fala de si mesma assim.
- É o que sou, Kai.
- Não é, não.





Seus dedos me apertam, mas não com força. Eu o examino, procurando uma pista do que ele está tramando, mas não consigo encontrar nada além de expectativa nos olhos que me encaram.

– Você é inteligente, esforçada e linda – diz ele, enfatizando cada palavra para garantir que eu esteja convencida de sua autenticidade. – Seu nome é sussurrado pelos meus homens pelas minhas costas, porque jamais ousariam expressar seu interesse em cortejá-la na minha cara.

Suas palavras criam um torno que aperta meu peito enquanto fito seus olhos. Kai é meu melhor amigo desde que consigo me lembrar. Ele já teve que me defender de todo mundo, provavelmente mais do que jamais me deixou saber, mas nunca insinuou qualquer possível interesse em se casar comigo. Não assim.

Balanço a cabeça, atordoada.

– Isso é real?

Seu olhar é sério enquanto ele me encara.

– Você quer que seja?

Nossos movimentos cessam. Passei o que parece ser a minha vida inteira esperando por este dia, esperando pela chance de vir ao Mercado anual, de desembarcar, e ele me vem com essa agora?

Rangendo os dentes, empurro seu peito com a palma das mãos. Quando ele não se move, repito o gesto, só que com mais força. Ele tropeça no casal atrás dele, mas não desvia o olhar do meu quando dou um passo para trás.

Ele estreita os olhos.

– Brynn...

Eu o detenho com a mão erguida. Ele torna a abrir a boca, mas não ouço o que diz porque me viro, atravessando em disparada a multidão na tentativa de escapar, de deixar para trás o peso de todos os olhares sobre mim.





Capítulo 2

Estou no coração do Mercado.

As paredes de pedra se avultam, mais próximas, de ambos os lados do cais, bloqueando grande parte da luz do sol e lançando sombras sobre as barracas. O ar é diferente aqui, rico e terroso. Lembra o cheiro que vem antes da chuva. Meu favorito.

Os vendedores nesta parte estão mais próximos uns dos outros. E aqui está menos lotado, com mais habitantes locais do que alaha. Há velas, mel e cerâmica digna da realeza, dourada e com alto-relevo. Seria uma blasfêmia chegar perto desses pratos com o ensopado de peixe que comemos.

O comerciante atrás da barraca que vende a cerâmica pintada à mão não faz sinal para eu me aproximar. É óbvio que não pertença à sua clientela habitual, mas ele sorri para mim enquanto admiro os pires. Cervos, coelhos e raposas, animais que você encontra em terra firme.

Eles deixam meus esboços a carvão no chinelo.

Uma mulher com um vestido na altura dos joelhos se aproxima da barraca, e eu saio do caminho. É então que o noto. *De novo.*

A primeira vez foi 400 metros atrás. Nossos olhares se encontraram por um instante quando passei, mas registrei muita coisa naquele breve instante: sua postura com os braços cruzados, o sorriso se apagando ao me ver e a interrupção da conversa que entabulava com o soldado kenta, seu colega.

Cabelos escuros, olhos escuros, um aro de ouro em uma das narinas. Lábios que, de algum modo, sei que estão acostumados a soltar palavras grosseiras – ou talvez seja apenas sua atitude que me diga isso. De todo jeito, há algo de vulgar em sua beleza.





Tenho certeza de que ele está me seguindo desde então. Mantenho meu passo, sem demonstrar que sei que estou sendo seguida, mas cruzo para o outro lado do cais a fim de aumentar a distância. É longe o suficiente para criar uma barreira, mas não longe demais para levantar suspeitas. Mudo de direção, seguindo de volta para os navios.

Qual é o seu próximo passo?

De fato, ele também atravessa, ficando alguns passos atrás de mim. Uma tira de punhais adorna seu peito, o couro bordado com o emblema de Kenta, simbolizando sua riqueza e alta posição. Faço um rápido inventário dos arredores e não encontro nenhum alaha à vista. Apenas o povo kenta em todas as direções.

Olho por cima do ombro.

Ele não se dá ao trabalho de esconder o interesse desta vez, os olhos escuros fixos em mim enquanto abre caminho pela multidão, elevando-se sobre a cabeça das pessoas.

Talvez esteja me vigiando porque estou sozinha. O aviso de Gramble para andarmos em grupo ressoa na minha cabeça, mas meu instinto me diz o contrário: estou sendo caçada.

Acelero o passo, passando pela próxima fileira de barracas antes de ousar lançar outro olhar por cima do ombro. Desta vez, não desvio o olhar, deixando-o saber que estou ciente de que está me seguindo e que não estou com medo.

Ele tem a ousadia de sorrir. É perturbador, seu sorriso tão perverso quanto bonito. Talvez ele só queira se divertir, intimidando garotas alaha.

Paro em uma barraca aleatória, esperando que, se eu ignorar sua existência, ele apenas perca o interesse.

– Está procurando alguma cor em particular? – pergunta a moça atrás do balcão.

Nem olho para ver o que ela está vendendo enquanto balanço a cabeça em resposta antes de seguir em frente. Finjo examinar as barracas, pulando algumas intencionalmente, em um esforço de me aproximar da frente do calçadão.

A tensão nos meus músculos se dissipa quando avisto dois guardas alaha a uma distância que me permite ser ouvida. Vejo o cabelo lustroso de Messer no meio da multidão, depois Kai, ambos ziguezagueando entre as pessoas,





a cabeça virando de um lado para outro enquanto me procuram. Aurora os segue, bebendo de um copo, despreocupada.

Mais uma vez, olho por cima do ombro e me sinto ainda mais aliviada quando não vejo o soldado. Aceno para Messer, que dá um tapinha no ombro de Kai e aponta para mim. Enquanto espero que venham até mim para não nos perdermos na multidão, noto que a barraca mais próxima tem pedras preciosas em exposição. A luz reflete nas facetas lapidadas de pedras penduradas e projeta um arco-íris no cais e no muro de pedra atrás dele. Eu me aproximo e passo a ponta dos dedos por uma pequena pedra que parece vidro marinho.

– Linda, não é? – diz o vendedor, com um sorriso genuíno por trás da barba cerrada.

Lembrando-me das quatro moedas de cobre ainda no meu bolso, pergunto:

– Quanto é?

– Estas são pedras muito valiosas – diz ele, pegando uma das peças menores. – São difíceis de encontrar; só nas profundezas das minas da terra. Esta custa uma moeda de ouro.

O sonho de pendurar uma delas na janela do meu quarto se esvai.

– São muito bonitas – digo, decepcionada.

Ele assente, baixando o queixo em sinal de compreensão. Antes que eu possa me afastar, uma mão desce com violência sobre a minha. Respiro fundo enquanto o soldado se avulta sobre mim, os olhos escuros injetados pela raiva, me imobilizando.

– Ladra – diz ele, a voz ecoando pelas paredes do cânion.

Balanço a cabeça, em parte tentando me defender, em parte perplexa. Puxo a mão que ele mantém presa ao balcão, mas ele não afrouxa o aperto.

– Eu não peguei nada.

– É mesmo?

Ele empurra a manga da minha túnica para cima, expondo meu antebraço e vira minha mão na dele, deixando ver a pedra de vidro verde-claro na minha palma.

– Então o que é isto?

Eu arquejo.

– Você colocou isso aí.





Seus olhos escuros perfuram os meus.

– Está me chamando de mentiroso?

– Estou – respondo, recusando-me a me deixar intimidar por seu olhar dominador.

Sua mão aperta meu punho.

– Ouvi dizer que os alaha cortam os membros de quem quebrar algum de seus preciosos pactos. O que seria? Dedo ou mão, no caso de um ladrão?

– Eu não peguei nada – insisto, entre dentes cerrados.

Ele me observa por um momento, o olhar disparando entre meus olhos. Procurando o quê, não tenho certeza, considerando que ambos sabemos que ele forjou toda essa cena.

Os vendedores e compradores ao redor se detêm para assistir ao espetáculo.

Ele rompe o silêncio primeiro, pigarreando e sinalizando para alguém atrás de mim.

– A mão, então.

Sou puxada do balcão por outro soldado.

– Isso é um absurdo!

Eu me debato, tentando deslocar o braço forte que está em torno da minha cintura, mas o soldado me levanta, impossibilitando que eu me apoie no chão.

– Eu não sou ladra!

Meu acusador nos conduz ao redor da barraca, para trás da fileira de vendedores. O soldado que me segura me coloca diante do muro de pedra, que parece um gigante adormecido diante de nós. Sua superfície irradia calor, a não mais de 30 centímetros de mim. É o mais perto que já cheguei de tocar a terra.

Os olhos escuros do soldado acusador fustigam a lateral do meu rosto.

– Mãos na parede – ordena ele.

Não me movo nem pisco enquanto avalio minhas opções. O aprendizado de uma década de treinamento deve entrar em ação a qualquer momento, mas é difícil pensar com a atenção de metade das pessoas no calçadão fixa em mim. A agitação do mercado se reduziu a um baixo burburinho atrás de mim.

Tudo se aquieta quando respiro fundo para me acalmar, então piso o mais forte possível no pé do soldado que me segura, puxando meu braço





com força. Isso afrouxa seu aperto o suficiente para eu me libertar, mas o impulso me desequilibra e eu caio nas mãos do outro soldado, o de olhos escuros.

Ele logo me faz girar, passando o antebraço pelo meu pescoço e apoiando uma lâmina logo acima. Se eu não estivesse sob a ameaça da ponta afiada de uma faca, estaria mais impressionada com sua velocidade e habilidade, mas o pânico elimina qualquer pensamento racional que não seja tentar calcular uma saída dessa confusão.

Procuro por Kai, meu foco saltando de um rosto a outro na multidão, sem sucesso. Somente estranhos me encaram.

O soldado murmura o comando em meu ouvido para que apenas eu ouça, provocando um arrepio que percorre a minha espinha.

– Coloque as mãos na pedra.

Ele não está fazendo um jogo comigo, como imaginei.

Balanço a cabeça, apesar da ferroadada da lâmina.

– Por que está fazendo isso?

Ele desiste de esperar que eu obedeça. Agora usa a mão livre para agarrar a minha e força minha palma trêmula contra a pedra morna, sua mão cobrindo a minha.

Uma dor diferente de tudo que já senti atravessa meu corpo. O calor queima meu braço e meu peito, desce pelo meu tronco e chega às pernas. É como uma corrente elétrica, semelhante à produzida pelas enguias-elétricas encontradas nos corais perto de Alaha, só que multiplicada por mil.

Eu grito.

Então, num piscar de olhos, cessa.

Meus olhos se abrem de repente e minha respiração sai de forma abrupta, o grito morrendo na garganta. Estou de joelhos, a madeira do cais cortando minhas canelas. Volto a ter consciência dos meus sentidos. Murmúrios e vozes chocadas atravessam meu atordoamento. Levo as mãos ao rosto e fico aliviada ao ver que ainda tenho ambas presas ao corpo.

Mas a dor...

Ergo os olhos até alcançar o rosto do soldado. Ele parece tão atordoado quanto eu, me encarando boquiaberto, a respiração congelada no peito.

O grito de Kai soa por cima das vozes reunidas:

– Soltem a garota!





Mas o soldado não desvia os olhos de mim, algo entre admiração e medo me encarando.

– Eu já mandei – insiste Kai, um tom autoritário que ele raramente usa silenciando a multidão. – Soltem ela.

A cabeça do soldado se vira devagar na direção de Kai antes de quebrar o contato visual comigo, o rosto passando de atônito a frio ao encarar Kai.

– Isso não vai funcionar comigo – diz ele, a voz baixa e imperturbável. – Você não tem poder aqui.

Luto para me levantar, as pernas cedendo quando tento apoiar meu peso nelas. Não consigo olhar para trás para ver a expressão de Kai, mas o olhar firme do soldado me diz que isso não vai acabar sem danos colaterais. Ele move a lâmina em sua mão, um lembrete de que Kai e eu estamos indefesos contra ele e seus homens.

– Soltem ela – repete Kai, mais apaziguador do que antes.

O soldado ergue uma sobrancelha.

– Ela não é sua.

Há um instante de calma antes que um estrondo venha da nossa esquerda. Messer salta sobre a barraca agora virada, potes de vidro com geleias e compotas se estilhaçando no cais. O caos se instala quando ele ataca meu segundo captor por trás.

Usando a distração a meu favor, pego a lâmina presa à coxa do soldado e atravesso seu calcanhar com um golpe certo. Ele urra de dor, o joelho atingindo com violência o chão ao meu lado. Ele tenta me agarrar, mas eu movo a lâmina em um arco amplo, forçando-o a se esquivar do golpe que chega a centímetros de seu rosto. Isso me dá tempo para me reerguer, tomando cuidado para evitar a superfície do muro de pedra enquanto oscilo em uma posição de combate.

Ele ergue o olhar para mim.

– Não – diz, com um tom de desespero permeando a única palavra.

Algo na maneira angustiada como sustenta meu olhar enquanto luta para se levantar apoiado em uma perna só me faz hesitar, mas não o suficiente para me deter de fato.

Pressentindo minha intenção de correr, ele grita para os soldados, seus companheiros:

– Não deixem ela sair deste cais!





Cambaleio na direção de Messer, que está lutando contra o outro soldado. Ao me ver chegando, ele sobe no homem e lhe acerta um soco no rosto, deixando-o inconsciente. Então corre até mim, envolvendo minha cintura com um braço para me ajudar a me manter de pé.

Kai nos vê e começa a abrir caminho entre as pessoas. Os alaha se juntaram à briga, e uma batalha generalizada se instaura para levar nosso pessoal de volta aos barcos.

– Você está bem? – pergunta Kai, me apoiando do outro lado.

Não desperdiço energia para responder, me concentrando em andar enquanto minhas faculdades mentais aos poucos voltam a funcionar. Corremos em direção à ponta do cais, até onde as bandeiras alaha tremulam. É um êxodo em massa, e o povo kenta sai do nosso caminho.

– O que aconteceu? – grita Gramble enquanto corre em nossa direção, os olhos piscando acima das cabeças, alcançando a multidão de soldados kenta enfurecidos que vem em nosso encalço.

Ele não espera uma explicação, agindo depressa para conduzir os alunos até a passarela de embarque mais próxima. Guardas alaha se posicionam ao longo do cais, uma última linha de defesa, e nosso pessoal corre para a segurança nos barcos.

Kai para na fila improvisada.

– Onde está Aurora?

Messer quase tropeça ao se deter abruptamente, arfando enquanto a procura.

– Pensei que ela estivesse bem atrás de nós.

Uma explosão sacode o cais, jogando todos no chão. O silêncio ressoa por um longo momento antes que eu consiga me orientar. Detritos e madeira chovem sobre nós, e eu cubro a cabeça até que a chuva diminua e cesse. Messer me ajuda a levantar, e eu tiro o cabelo do rosto enquanto Kai me agarra pelos braços.

– Estou bem – digo a eles, a voz abafada em meus ouvidos. – E vocês?

Não há tempo para analisar a situação, pois Gramble continua a gritar para embarcarmos. Os soldados kenta atrás de nós estão se levantando. Metade deles começa a se orientar enquanto observa a nuvem de fumaça subindo em direção ao céu vinda das profundezas do Mercado. A outra metade está mais uma vez vindo em nossa direção, dominada pelo desejo de vingança.





Messer me empurra em direção ao navio.

– Vou procurar Aurora.

Ele para ao vê-la emergir do caos, sem pressa e sem preocupação, vindo em nossa direção, tendo na mão o mesmo copo que a vi carregando antes.

– Achei que seria bom criarmos uma vantagem – diz ela, piscando para Messer, que a olhava com a expressão atordoada.

Todas as cabeças se viram para observá-la subir a passarela.

Kai balança a cabeça e me incentiva a avançar.

– Precisamos ir.

A tripulação trabalha furiosamente para subir a passarela e se afastar do cais, partindo a tempo de ver o Mercado desabar sobre si mesmo.

A água do mar engole uma parte inteira do calçadão de uma só vez, incluindo as pessoas.

Correndo para o mastro, uso minhas últimas forças para subir. Kai grita meu nome, mas não me detenho, querendo uma visão melhor dos danos. Nada poderia ter me preparado para a escala da destruição. Aurora conseguiu eliminar uma seção do tamanho de dois navios bem no meio do Mercado. Centenas e centenas de pessoas se debatem na água, agarrando-se a tudo que encontram e umas às outras.

Um século de comércio e paz... *liquidado*. Não há como voltar atrás. A desforra *virá*.

Percebo que meu punho ainda está cerrado e olho para baixo, me deparando com a lâmina do soldado firmemente presa em minha mão trêmula.





Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Este e outros títulos do nosso catálogo estão
disponíveis em audiolivro.

